



A

N.º 61 — LISBOA, 13 DE MARÇO

2  
ANNO  
1901

# PARODIA

**PREÇO DA ASSIGNATURA**  
(PAGAMENTO ADIANTADO)  
Lisboa e provincias, serie de 26 numeros... 200 reis  
Cobrança pelo correio custa... 1.000  
Africa e Estrangeiro, accresce o porte do correio.  
Vende-se em Paris no kiosque, 10, boulevard des Capucines (GRAND CAFE).  
EDITOR — CÂNDIDO CHAVES

Publica-se ás quartas-feiras  
CARICATURAS DE **RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**  
E  
**M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO**  
Redacção — RUA DO GREMIO LUZIFANO, 66, 1.º

Administrador — **GONZAGA GOMES**  
Administração — R. DO GREMIO LUZIFANO, 66, 1.º  
Composição: Min. Pousalvar, 111, R. da Atalaya, 101  
Impressão: Lithographia Artistica,  
R. do Jardim do Tabaco, 92 a 96  
**Preço avulso 20 réis**  
Um mez á-pós de publicado 40 réis

## QUEM VAE Á GUERRA...



—Olha que espiga! Então não apanhei mesmo na corça!!!

## HISTORIAS ALEGRES

PARA AMBOS OS SEXOS



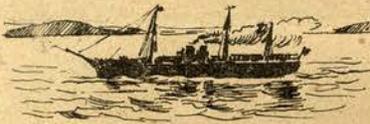
ESSA noite fria de Dezembro sem chuva, o nosso prestado amigo e digno funcionario O. de M. chegou a casa na emoção desusada de uma grande satsifacção publica, que se choca, no mesmo individuo, com algum intimo e profundo pesar. Este estado paradoxal de O. de M. explicava-se no seguinte

facto: o Ministro acabava de nomeal-o, n'aquelle instante, para uma commissão de serviço no Ultramar, uma syndicancia ás alfandegas da Africa Oriental; e se o funcionario se sentia, em boa verdade, lisongeadó com a escolha que d'elle fizera o Ministro, difficilmente o marido se conformava com a idéa de se separar da sua cara metade, vista a impossibilidade de a levar consigo — o que tornaria a metade muito mais cara ainda.

A noticia foi recebida em casa com soluços e lagrimas. Casados de dois annos, felizes e amigos, a essa data, como se estivessem no dia seguinte ao do casamento, á idéa d'uma separação tão prolongada como seria aquella affligia-os a ambos.

- E por quanto tempo?
- Por um anno!
- Um anno inteiro?...
- Um anno certo!

Era desolador. Mas não havia remedio; preparou-se a roupa, arranjou-se a mala, e no dia 1 de Janeiro, precisamente no dia 1 de Janeiro, O. de M. saia a barra para Moçambique



Inconsolavel na ausencia, que ao fim da primeira semana já lhe parecia interminavel, a esposa de O. de M. chorava a sua desdita no regaço de uma sua amiga de infancia, que não rejubilara nunca nas alegrias do matrimonio, e que essim vivia feliz em companhia de seu irmão, celibatario como ella, e como ella visita e amigo intimo do casal de O. de M.



OS MANOS

Era este amigo um pimpão de seus qua renta annos bem puxados, montando bem, jogando bem as armas, alegre sempre e de barba sempre feita, vestindo com elegancia, conversando com graça, vivendo com prazer. E era elle quem acompanhava ao piano, tocando sem saber musica, e só d'ouvido apurado, os quatro ou cinco inoffensivos trechos que sua irmã cantava aos serões em casa da sua amiga...

Mas, n'uma noite, a irmã não veiu. Doialhe a cabeça, inflamara-se-lhe a garganta. E veiu elle, apenas, para dizer só isto. Nem sequer entrava. Dava o recado á porta.

— Descance ao menos um instante...  
E a final, lá entrou. Acendeu-se a luz na sala, como de costume. Conversou-se como de costume. Tocou-se piano, como de costume. Só não estava a irmã... como de costume.

Pouco a pouco, porém, a luz forte do candieiro, grande, entrou a enfraquecer. Por duas ou tres vezes, ella levantou a torcida, mas faltava o azeite, e a claridade abrandava. Houve um momento, mesmo em que toda a claridade parecia ir a extinguir-se.



Houve depois outro momento em que se extinguiu de todo.



No dia seguinte, já boa, a irmã voltou. E nunca mais aconteceu o irmão vir só. Nem tornou a faltar o azeite no candieiro. O tempo passa depressa, e depressa passou um anno. Nos primeiros dias de Dezembro uma carta de O. de M. annunciava o seu regresso.

— Se não houver nada em contrario, deverei achar-me ahi no dia 1 de Janeiro.

E no primeiro dia do novo anno, com effeito, não tendo havido nada em contrario, O. de M. entrava em Lisboa, e caia nos braços abertos da esposa, que fora buscal-o a bordo. Com a sua amiga inseparavel de infancia e o irmão da sua amiga.

— Um anno! Um longo anno! dizia, enternecido, apertando a esposa, o n sso O. de M. Tu juras-me que durante estes tresentos e sessenta e cinco dias não me esqueceste um instante?

Ella empallideceu. Nunca da sua bocca saíra uma mentira.

Foi então, n'esse momento, que o irmão da boa amiga de infancia se aproximou mais d'ella pela segunda vez e lhe disse ao ouvido:



— Pode jurar, minha senhora, jure... que o anno era bissexto!



Companhia Real  
dos Caminhos de Ferro Portuguezes

### AVISO AO PUBLICO

TRAFEGO FRANCO-PORTUGUEZ

Ampliação das tarifas especiaes P. H. F. n.º 3 de grande velocidade para transporte de generos frescos e recovagens e P. H. F. n.º 4 de pequena velocidade para transporte de mercadorias de todas as qualidades.

Desde 1 de março de 1901 são tornados extensivos a odas as estações das linhas d'esta Companhia, seja qual fór o itinerario do transporte, os preços fixados para Lisboa nas tarifas acima citadas, e a todas as estações da linha da Beira Alta, inclusive Figueira da Foz, os que as mesmas tarifas estipulam para Fampilhosa.

O Director Geral da Companhia  
Chapuy.

### AVISO

Achando-se interrompida a linha de Palencia a Corunha entre Breañuela e La Grana, as remessas de grande e pequena velocidade, a mesma destinadas, só se accetam com reserva pelos prazos de transporte.

Lisboa, 7 de Março de 1901.

O Director Geral da Companhia  
Chapuy.

## LIVRARIA MESQUITA

17, RUA BORGES CARNEIRO, 17

COIMBRA

(A mais antiga de todas

as casas congengeres de Coimbra)

Secção para expediente de negocios universitarios. Livros novos e usados, antigos e modernos de todas as especies.

Assinaturas para todas as publicações e jornaes de Portugal e estrangeiro.

Chromos, objectos d'escritorio e carimbos em todos os generos. Cartões de visita.

Musica, pianos e todos os outros instrumentos musicaes novos e em uso; cordas e mais accessorios. Planos d'aluguer. Fazem-se afinações e toda a qualidade de concertos tanto em Coimbra como fora.

Commissões em TODOS os ramos de negocio. L'ornicem-se catalogos e indicações.

Correspondencia diaria com os principaes centros de publicação. Serviço rapido de encomendas, satisfazendo-se regularmente no prazo de 4 a 7 dias qualquer pedido d'obras estrangeiras.

Capa para encadernação

do 1.º volume d'A PARODIA

Preço 700 réis

Está á venda, em Lisboa, no escriptorio da nossa Administração, na Rua Augusta 220 e 222, e em diversas livrarias e tabacarias. No Porto, em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro. Em Coimbra, na livraria de J. Mesquita.

A Administração encarrega se de mandar encadernar o volume pela quantia de 200 réis.

Os pedidos da Provincia para remessa de capas, deverão ser acompanhados de 40 réis para porte do correio, de cada capa.

O 1.º volume encadernado

com a capa especial

Preço 2.500

## REVISTAS DO SEculo XIX



### A dança

UEREM os meus bons amigos da *Parodia*, que eu escreva um artigo acerca da evolução da dança no seculo que acaba de tolocarse a sa place, obedecendo á marcação de grande quadriha do Tempo. Vou deliciar satisfazer tão honroso pedido com a pressa que habitualmente ponho em todos os meus actos, indo fazer esta revista n'um pé de dança e vindo n'outro.

No começo do seculo XIX duas danças eram apenas conhecidas: uma que fazia as delicias das classes altas: o *menuete*; outra que fazia andar aos trambolhões a gente da classe baixa: a dança de S. Vito.



Ambas foram introduzidas em Portugal por mim. Ave ligeira, eu tanto pousava o meu péinho nos salões aristocraticos como o assentava nos terreiros dos bailes campestres. Ligeiro, alado, um verdadeiro colibri, o meu corpo gentil revolteava por toda a parte, já ao som dolente dos violinos, já ao som do bronze que nos causava horror. Fui a delicia dos homens do meu tempo e causei-lhes a maior das invejas. Um idolo! Cercaram-me de todas as considerações, deram-me provas da maior confiança. Basta dizer que fui eu quem ensinou o sr. conselheiro Carrilho a andar a tres tempos e ao João Brandão a famosa quadriha... de ladrões. Fui eu tambem quem dei as primeiras tinturas de lanceiros 2 ás creadas de servir. Tudo quanto se faz em Portugal com certa presteza de pernas tem origem no meu talento choreographico cujas provas dadas durante cento e trinta e dois annos, são sobejá e vantajosamente conhecidos de toda a gente.

A algum espirito que ainda tenha duvidas sobre a veracidade do que deixo dito, direi que fui eu quem ensinou ao sr. Visconde de Faria a dança do ventre e ao sr. Ressano Garcia dançar na corda bamba.



E se o sr. Antonio Ennes dança da banda da papelaria, a mim o deve.

Já não falo, por motivos que são obvios, da dança da Bica, que ensinei ao sr. Soveral, o qual por muito bem a executar está sempre á bica para tudo: para ministro, para diplomata, para marquez, para conselheiro de Estado.

E se não cito mais casos, se nao canto aqui tudo quanto podia pôr em pratos limpos, é que não estou para que o governo me diga: — Cantaste, pois dança agora!

\* \*

Por ultimo e ainda no intuito de esclarecer o publico sobre a minha poder: sa acção nos assumptos de dança, sou a dizer que a mim se deve exclusivamente em Portugal a dança ministerial, que ensinei a todos os estadistas que se teem revesado no poder, e é com a maior satisfação que aproveito o ensejo para registar aqui os nomes de dois dos meus discipulos mais applicados e inteligentes e que melhores provas publicas teem dado, honrando o meu curso on le aprenderam a pular e a patria que os viu nascer. São elles os meninos Ernesto Hintze Ribeiro e José Luciano de Castro.



Agora mesmo elles se preparam para dançar a quadriha que vae de quarto de sentinella a quarto de sentinella, como diz o mestre-sala Marianno de Carvalho, muito entendido n'estas cousas.

Deus permita que se saiam bem. Tenho cá minhas apreensões porque o *parquet* está encerado de fresco...

JUSTINO SOARES.

## DITOS

O sr. conde de Valençã, que ainda não está em si depois que lá na rua de S. Bento o fizeram par sem dó pela ré, que é a nação portugueza, explicava ha dias ao sr. ministro da justiça:

—Por exemplo, se eu hoje morrer, o que Deus não permitirá por estes annos mais proximos, com excepção dos nossos, deixo como p r do reino vaga encapelada.



—Encapelada?  
—Precisamente, como as do mar. Se eu sou doutor de capello!



## CREDORES EXTERNOS

Do *Journal des Debats* recortamos a seguinte e interessante carta:

Tres excellent Monsieur Delcassé et mon illustre collègue.

Non me tien été possible lancer main de la plume pour écrire a le Monsieur relativement a la question de les créanciers de mon pays dans la France. Il y a un certain temps a cette partie que je me suis senti plus acanavié, avec grippe, plus plein de non préte.

Dans la dernière semaine tombé malade avec une constipation qui j'ai attrapé dans la proces-ion de le Monsieur de les Pas des le large de Saint Roque jusqu'a a la Grâce.

Une épée éffroyable, qui s'est aggravée a la nuit dans le Colysée des Recreations ou je suis allé voir la femme des chats et autres choses tres amusants.

Le diable, non cher Monsieur, le diable! Je me tiens vu grec. La maladie et les evenements de Oporto m'ont mis dans la epine.

Dans le Oporto toutes les esprits, des le Dimanches de le Esprit Saint Guimarães jus que a le esprit da vin, sont très exaltés contre les moines, les soeurs de charité, les petites freres des pauvres, contre toutes les cocottes du bon Dieu, comme se dit dans la France. Les persones de Oporto sont hydrophobes avec la moinerie! Oh les!

Déjà en Lisbonne non est la même chose. Autre coq chant ici. Une de cettas nuits, les étudiants qui ont l'habitude d'aller au caffè du Glace ont attrapé la sa compte de la police de la escadre de la Avenue, sus le commandement du major Jours. Ce fût c up de plat de l'épée de créer ver

Et non bougerent ni beuglerent! Non son de la race des fils de Pas, comme je et l s mes coreligionnaires.

Mais retournons á la vache froide de les créanciers. J'ai vu avec certain plaisir dans les journaux de Paris la interpelation de le monsieur Guérin autour de la question et la votre reponse de claquement e trois sifflements. Là, son vaillant, là!

Le Hintze, qui est mulâtre, envoie constamment telegrammes au conseiller Poirier Mâchoire pour qui il applique draps chauds dans la question. Pauvre homme!

Avec toute la sa fanfaronade n'a pas voulu accepter le petit travail qui le Espregueira avait fait dans ce sens admettant controle. Puis nous verrons si il accepte ou non avec trole ou sans trole.

Continue le mon ami a rem rdre et nous verrons come il déchausse la bote.

Excusé il sera vous dire que vous pouver compter avec moi pour la vie et pour la mort.

Votre

Collegue et ami Obligé

JOSEPH L. DE CHATRE.



### Cumulo:

Coser uma bebedeira a pontos naturais.



# A CAMINHO DO CEU



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

...E ainda agora a procissão vae na rua!

O socego posto no Porto  
ou o Porto posto no socego

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)



PRIMEIRO DE JANEIRO

Já se não pode abrir bico,  
Deu tudo em Pina Callado!  
D, Anna gritou irado!  
E foi geral o faulco!  
Não pode abrir-se o Janeiro,  
Não pode abrir-se o Paes Ramos,  
Não podem abrir-se... Vamos!  
— Já se não pode abrir bico!

O SECULO

Marcanton, o dito cujo,  
Com vezes aqui citado,  
Do mesmo modo encravado  
E quando insistia em abri-lo,  
Pois que em teimar elle pimpa,  
E a folha chamam-lhe a pa!

NORTE

Não pode abri-lo o Menezes,  
O Norte não pode abri-lo!  
E abri-lo depois do civio!  
Não pode abri-lo quem veja!  
Abri-lo não pode o rico,  
— Já se não pode abri-lo!  
Um grão de bico que seja!

COMMERCIO

Quanto ao Commercio não pode  
tambem, segun se propala  
Saber se cala ou se fala,  
Se abre bico ou bico e pico!  
E ate e coisa corrente  
Que o bom do nosso Carqueja  
Quando berra, salvo seja,  
Fica cubico... co bico!

CIAS

Abri-lo o Annibal não pode,  
Semgrave risco a sevicias,  
Não pode abri-lo o O'cattias,  
Abri-lo o Arroyo... de grilo!  
E o proprio Raspão do Sá,  
Na sua graça macabra  
Por muito que queira qu'abra  
Não pode tambem abri-lo!

RODIA

Nós cá tambem d'aberturas,  
Graças a Deus não vae nada!  
Pois já a semana passada  
Nos vimos a entrar na bicha!  
Faz a Pronunciá outro tanto,  
O Diario da Tarde embucha,  
E co isto emfim se se chucha,  
Não chucha quem tenha chucha!

PUBLICA

Não pode o Sampaio Bruno  
Dar-lhe igualmente abertura!  
Embora o Seabra na altura  
Deseje que se abra em summa!  
E assim, de bico rombudo,  
Porto pobre ou Porto rico,  
N'isto que toca a abri bi-o  
Não abre coisa nenhuma!

PALAVRA

Vem entretanto a Palavra  
Co'a palavra reservada,  
E a preta, ali, na aprumada,  
Põe tudo n'um polvorinho!  
E porque? d'ira d'espanto  
A invicta cidade fula!  
— Porque ella tem aqui bulla,  
Tem bulla aqui, com gentinho!

TITO LITHO.

Mel MONTAROSO

POST SCRIPTUM

A' ultima hora e pico,  
Quem o s lombos nos saccode,  
Diz que n'isso d'abrir bico  
Já se pôde, já se pôde!

T. L.



## A procissão do Triunpho

**A**SSISTIMOS, num dos dias da ultima semana, á passagem da procissão de um Senhor dos Passos pelas principaes ruas da Baixa; e tão tranquilamente essa procissão percorreu a cidade, á mesma hora em que, no Parlamento, tão agitadamente se debatia a questão religiosa, que o contraste implicou connosco, e a phantasia nos desviou, n esse instante, para a passagem de um outro prestito, que apenas andou pelas ruas da nossa imaginação, mas que bem pôde vir a andar ainda pelas ruas da Baixa, como a outra.

A procissão que nós imaginámos poderia ser a Procissão do Triunpho — do triumpho que o Governo celebra neste momento no Parlamento e na Esquadra, no Hospital e na Boa-Hora, no seio de Deus e no seio de algumas irmãs Dorotheás.

Póde affoutamente dizer-se que, com respeito á questão religiosa, o Governo está hoje como nunca esteve, nas suas sete quintas—incluindo a Quinta Amarella e a Quinta do Desterro, para mudança de ares.

A sympathia que os Jesuitas e as suas caras-metades teem encontrado nos poderes constituídos, é um facto tão irrecusavel e tão calvo como o Sr. Pereira e Cunha. A protecção

que esses mesmos poderes teem dispensado ás associações religiosas, é uma verdade tão certa e tão descabellada como o Sr. Governador Civil do Porto.

A ordem publica tornou-se, em Portugal, numa ordem religiosa.

A policia civil substituiu a policia dos costumes.

A liberdade é um aperto de uretra.

Acabaram para nós, e de uma vez para sempre, todas as formas de protesto: o protesto pela palavra, o protesto pela escripta, e o protesto pelo braço.

D'antes, quando se queria falar, ia-se para a tribuna; hoje, quando se tenta falar, vae-se para o calabouço.

D'antes, quando a gente escrevia, consultava-se, quando muito, o Dicionario; hoje, quando se, pretendes escrever, consulta-se o Juiz Veiga.

D'antes, quando os argumentos falhavam, recorria-se ao sopapo; hoje, quando os argumentos falham, recorre-se para a Relação.

No periodo aureo do parlamentarismo, quando alguma voz convicta e forte, como a de José Estevam, se erguia em brados de indignação e de revolta, o Governo limitava-se a responder com o trópo, e vencía a voz de José Estevam, que era a voz da razão. Hoje, o Governo responde com a tropa, e vence a voz do Sr. Hintze Ribeiro, que é uma voz de commando!

A' liberdade de voto oppoz-se a chapellada.

A' liberdade da imprensa contra-poz-se a censura.

A' liberdade do pensamento anne-xou-se a *secreta*.

Finalmente, e á entrada da Avenida da Liberdade, inaugurou se uma esquadra!

Foi nestas condições de segurança e desafôro garantido que a praga dos Dorotheus e das Dorotheás caiu sobre nós e assolou o paiz.

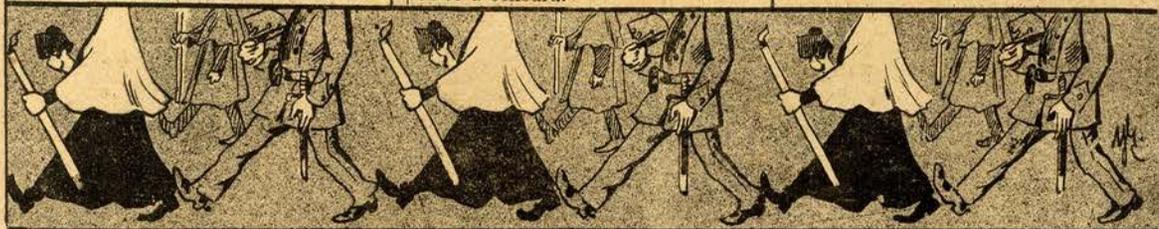
Dado um pequeno movimento de reacção sem graves consequencias, o Governo procura tirar do caso Calmon a maior somma possivel de proveito, desviando para esse movimento a attenção publica, que a questão dos crédores externos iria despertar, com perigos bem mais graves para a vida do Ministerio.

Mas a attitude do Governo acirra os animos, o caso Calmon azeda-se, e o Governo, não podendo liquidar á pranchada a questão dos crédores, á pranchada resolve a questão religiosa.

O triumpho é completo; e a procissão que nós vimos passar, ha poucos dias, nas ruas de Lisboa, se para a cidade apaziguada foi a procissão dos Passos, foi para a intima satisfação do Governo a procissão do Triunpho.

D'essa nova ousadia se saiu bem o Governo, indo á frente do prestito uma força de cem policias.

Mas só falton que o Major Dias levasse o Santo Lenho, pegando ás varas do pallio os meretissimos juizes das varas de Lisboa!



# "A NOITE DO CALVARIO"



(A PROPOSITO DA PROIBIÇÃO D'ESTA PEÇA PELO SR. GOVERNADOR CIVIL.)

«Este protesto dirige-se á opinião dos que me não conhecem; dispensa explicações inúteis ante o lecto; cala as cavilosas piedades dos hypocritas, e prova, desgraçadamente, que em Portugal, onde o bom senso morreu, a liberdade agonisa.»

Marcellino Mesquita.



Consummatum est!